

Alunos pobres aprendem filosofia e línguas no DF

SANDRA SATO

BRASÍLIA — De barriga vazia também é possível assimilar conhecimento. Quem prova isso é o professor José Henrique da Conceição, carioca, 29 anos, que há dois anos ensina filosofia, inglês, francês, alemão, japonês e até russo para os estudantes carentes da Ceilândia, a cidade satélite mais pobre de Brasília. Oficialmente, Henrique é contratado pela Fundação Educacional do Distrito Federal para dar aulas de português, mas usa uma sala empoeirada do Centro Educacional 4, na Ceilândia, para as atividades extracurriculares.

“É possível aprender mesmo sendo desnutrido como nós”, garante o estudante do segundo ano do 2º grau, Ismail de Souza Carvalho Neto, que abandonou a contragosto da família o emprego de faxineiro para estudar inglês e filosofia com o professor Henrique. “Me chamaram de vagabundo e marginal, mas em seis meses dominei o inglês”, conta, orgulhoso, Ismail, que está concorrendo a bolsa de estudos na Inglaterra, a fase eliminatória, deixou muitos concorrentes de poder aquisitivo para trás.

O método de ensino do professor Henrique procura transformar o aluno em um autodidata, rompendo a dependência do professor. Além disso, Henrique não se submete ao nível cultural dos estudantes para dar suas aulas. Ele usa um vocabulário que muitos não entendem para explicar as correntes filosóficas e os textos em língua estrangeira.

Para o ensino de línguas, o professor usa livros de uma editora portuguesa, que orienta o aluno a estudar sozinho. Mas para as aulas de japonês, Henrique recorre ao método Orestes Vaccari — a mesma técnica de ensino da língua adotada nos Estados Unidos pelo Pentágono, segundo o próprio professor. “A dificuldade é conseguir xerox do material porque na escola da Ceilândia só existe mimeógrafo a álcool”, lembra José Henrique.

O professor não cobra um centavo pelas horas extras na escola ou na casa de algum aluno onde ensina filosofia e línguas. Ele quer preservar aos estudantes o remédio contra a fabricação do menor marginal. Órfão, Henrique foi criado por

estrangeiros no Brasil e descobriu “no conhecimento o antidoto, quando ainda era criança”, conta.

O PROFESSOR

José Henrique da Conceição já passou por muitos bancos de universidade. É formado em Letras, Filosofia e Tradução pelas Universidades Federais do Rio de Janeiro, de Belo Horizonte e Brasília. E não parou aí: sempre que sabia de algum curso de extensão com um professor interessante, dentro de sua área de formação, abandonava tudo para se matricular. Henrique sobrevivia dando aulas particulares.

Pelas 40 horas semanais que dedica à Fundação Educacional, o carioca, solteiro, que vive só em Brasília em uma pequena casa na Ceilândia, calcula que vai ganhar este mês cerca de Cz\$ 400 mil. Com a formação que tem, Henrique poderia ganhar muito mais, só que não troca a Ceilândia por nenhuma outra escola particular ou universidade: “Lá, consigo desenvolver um trabalho de acordo com a minha consciência”, explica.